

Investigação Científica nas Ciências Humanas 4

**Marcelo Máximo Purificação
César Costa Vitorino
Emer Merari Rodrigues
(Organizadores)**

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Investigação Científica nas Ciências Humanas 4

**Marcelo Máximo Purificação
César Costa Vitorino
Emer Merari Rodrigues
(Organizadores)**

**Atena**
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

162 Investigação científica nas ciências humanas 4 [recurso eletrônico] /
 Organizadores Marcelo Máximo Purificação, César Costa
 Vitorino, Emer Merari Rodrigues. – Ponta Grossa, PR: Atena,
 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-62-1
 DOI 10.22533/at.ed.621201903

1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Vitorino, César Costa. III. Rodrigues, Emer Merari.

CDD 300.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil

APRESENTAÇÃO

Caríssimos leitores é com grande satisfação, que fazemos chegar até vocês mais um volume da Coleção Investigação Científica nas Ciências Humanas. Uma obra, com temas atuais e diversos, que gravitam e estabelecem liames com a dialética da Humanidade. Nesse contexto, as experiências vivenciadas em universidades e a própria trajetória social do homem, acabam sendo ingredientes de fortalecimento do pensar na Área das Humanidades. Praticizar o ato de pensar e interpretar nunca foi tão importante, quanto nos dias atuais. A conjuntura social ao qual vivemos hoje, exige de nós, posicionamentos e constantes reconstituições das contexturas sociais. Por isso, revisitar o passado, discutir o presente e planejar o futuro, são ações extremamente importantes aos estudantes e pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A obra está facilmente organizada em dois eixos temáticos. O primeiro, estabelece diálogos com práticas significativas, traz nas discussões modelos de estratégias pedagógicas que vão dos jogos analógicos à escuta sensível, pontuando experiências de novas e paradigmas desenvolvidos nos contextos de sala de aula nos mais diferentes níveis de ensino. Sinaliza para importância das tecnologias e do diálogo interdisciplinar para formação do indivíduo.

O segundo eixo, traz aspectos significativos para uma boa reflexão nas Ciências Sociais Aplicadas. De forma (in) direta promove a (inter) ligação dialógica que perpassa por Leis; Políticas Públicas; Cooperativismo; Desenvolvimento Social; Religiosidade; Cultura; Saúde e etc. Um eixo, com forte inclinação e possibilidades de integração com os processos educacionais. Desse modo, a coletânea de textos desta obra, se estabelece como um convite à reflexão e às interfaces de olhares de pesquisados e estudiosos que desenvolvem suas investigações Científicas na Ciências Humanas.

Com isso, desejamos a todos, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
César Costa Vitorino
Emer Merari Rodrigues

CAPÍTULO 1	1
APROXIMANDO UNIVERSIDADE E ESCOLA ATRAVÉS DO DIÁLOGO E PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	
Márcia Rejane Scherer	
DOI 10.22533/at.ed.6212019031	
CAPÍTULO 2	7
INCLUSÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DA ESCUTA SENSÍVEL NO CONTEXTO DA SALA DE AULA	
Isabella Guedes Martinez Elias Batista dos Santos Ricardo Gauche	
DOI 10.22533/at.ed.6212019032	
CAPÍTULO 3	16
DESLOCAMENTOS EM PESQUISAS NO CAMPO DAS CIÊNCIAS HUMANAS	
Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos Naiara Gracia Tibola Daniela Gomes Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.6212019033	
CAPÍTULO 4	25
O USO DA ROBÓTICA EDUCACIONAL COMO APRIMORAMENTO NO ENSINO DA MATEMÁTICA COM ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL EM LÁBREA – AM	
Fabiann Matthaus Dantas Barbosa Kelren da Silva Rodrigues Rafael Carvalho de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6212019034	
CAPÍTULO 5	34
PROJETO POLÍTICO - PEDAGÓGICO E A GESTÃO DEMOCRÁTICA NO CONTEXTO ESCOLAR	
Kaio Anderson Fernandes Gomes Josenildo Santos de Sousa Francisnaine Priscila Martins de Oliveira Ednardo Arcanjo Garrido	
DOI 10.22533/at.ed.6212019035	
CAPÍTULO 6	41
UTILIZAÇÃO DE JOGOS ANALÓGICOS COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elias Batista dos Santos Wellington dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6212019036	

CAPÍTULO 7	52
A IMPORTÂNCIA DA CIDADANIA E DOS DIREITOS HUMANOS NA FORMAÇÃO DOS JOVENS BRASILEIROS	
Morgana Patrícia Webers Bonfanti	
Mateus Pediriva	
Nelci Lurdes Gayeski Meneguzzi	
DOI 10.22533/at.ed.6212019037	
CAPÍTULO 8	59
A NATUREZA EM KANT: CONFLITO, GUERRA E SOCIABILIDADE	
Franciscleyton dos Santos da Silva	
Zilmara de Jesus Viana de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.6212019038	
CAPÍTULO 9	71
A PSICANÁLISE E O DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR: ALGUMAS DISCUSSÕES	
Grazielle Luiza Barizon Scopel Gerbasi	
Paulo José da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.6212019039	
CAPÍTULO 10	82
O GOOGLE SALA DE AULA E A SIMULAÇÃO “O CASO DO REBANHO DE JACÓ”: SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM DOS CONCEITOS DE GENÉTICA	
Marisa Inês Bilthauer	
Dulcinéia Ester Pagani Gianotto	
DOI 10.22533/at.ed.62120190310	
CAPÍTULO 11	100
IDENTIDADE PESSOAL EM PAUL RICOEUR: A HERMENÊUTICA DO SI E A DIALÉTICA <i>IDEM-IPSE</i>	
Janessa Pagnussat	
DOI 10.22533/at.ed.62120190311	
CAPÍTULO 12	111
ANÁLISE DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE ENSINO COLABORATIVO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA	
Fernanda Aparecida dos Santos	
Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.62120190312	
CAPÍTULO 13	124
BREVÍSSIMA HISTÓRIA DA FITA CASSETE E OUTROS MODOS DE REPRODUÇÃO MUSICAL	
Enio Everton Arlindo Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.62120190313	

CAPÍTULO 14	134
COLEÇÃO AMAZONIANA DE ARTE: O ENTRELACE ENTRE ARTE, MODA E MUSEOLOGIA	
Moema Correa Marcela Cabral Orlando Maneschy	
DOI 10.22533/at.ed.62120190314	

PARTE II - CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADA

CAPÍTULO 15	144
A APROPRIAÇÃO TERRITORIAL NO SÍTIO HISTÓRICO URBANO (SHU) 'RUA DO PORTO' EM PIRACICABA - SP	
Marcelo Cachioni Maira Cristina Grigoletto Juliana Binotti Pereira Scariato	
DOI 10.22533/at.ed.62120190315	

CAPÍTULO 16	157
DA CANA AO MELADO: OS SABORES E A FESTA DO MELADO COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA CIDADE DE CAPANEMA -PR	
Thais Naiara Prestes Fernanda Cordeiro De Faust	
DOI 10.22533/at.ed.62120190316	

CAPÍTULO 17	165
LEGISLAÇÕES RELACIONADAS À FORMAÇÃO EM ENGENHARIA DE SEGURANÇA DO TRABALHO (EST)	
Marcela de Lima Magalhães Adriana Maria Tonini	
DOI 10.22533/at.ed.62120190317	

CAPÍTULO 18	179
IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DE MATERIAIS TÊXTEIS DO SÉCULO XIX DE UM TRAJE DO GRUPO FOLCLÓRICO DA CORREDOURA EM PORTUGAL	
Ronaldo Salvador Vasques Fabrício de Souza Fortunato Márcia Regina Paiva de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.62120190318	

CAPÍTULO 19	187
MEDIÇÕES DE RADIAÇÕES IONIZANTES E CHUVAS NA REGIÃO TROPICAL DO BRASIL – DINÂMICA NOS TEMPOS	
Inácio Malmonge Martin Marcelo Pego Gomes Rodrigo Rezende Fernandes de Carvalho Rafael Augusto Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.62120190319	

CAPÍTULO 20 194

O PAPEL DA COOPERATIVA REGIONAL ITAIPU PARA O DESENVOLVIMENTO DE ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS DE PINHALZINHO – SC

Patricia Ines Schwab
Juliana Capelezzo
Karine Cecilia Finatto Begnini
Maiara Zamban Linhares
Leani Lauermann Koch

DOI 10.22533/at.ed.62120190320

CAPÍTULO 21 211

OS MARIANOS E O APOSTOLADO DA ORAÇÃO NA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO EM PARINTINS, AMAZONAS

Rosimay Corrêa
Iraildes Caldas Torres

DOI 10.22533/at.ed.62120190321

CAPÍTULO 22 226

PAISAGEM URBANA: A INFLUÊNCIA ESPANHOLA NA CIDADE DE SÃO CRISTÓVÃO/SE

Rafael Henrique Teixeira-da-Silva

DOI 10.22533/at.ed.62120190322

CAPÍTULO 23 239

POLÍTICA PÚBLICA BRASILEIRA PARA O MEIO AMBIENTE: ENFOQUE NAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, EMISSÃO E REMOÇÃO DE GASES DO EFEITO ESTUFA NO ESTADO DO PARANÁ

Luciana Virginia Mario Bernardo
Maycon Jorge Ulisses Saraiva Farinha
Zelimar Soares Bidarra
Adelsom Soares Filho
Vanderson Aparecido de Sousa
Mauro Sérgio Almeida Lima

DOI 10.22533/at.ed.62120190323

CAPÍTULO 24 252

APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA AO TRABALHO DO POLICIAL MILITAR DE OPERAÇÕES ESPECIAIS

Jhony Wilson Youngblood
Mario Picetskei Júnior
Rafael Gomes Sentone

DOI 10.22533/at.ed.62120190324

CAPÍTULO 25 263

A FORMAÇÃO DE UM INTELLECTUAL

Vanderlei Souto dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.62120190325

CAPÍTULO 26	268
<i>A FALA DO HUNSRICK NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES TEUTO-BRASILEIRAS: UM PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA MARIA DO HERVAL (RS)</i>	
Liane Marli Führ Maria Ines Dapper Fröhlich Daniel Luciano Gevehr	
DOI 10.22533/at.ed.62120190326	
CAPÍTULO 27	282
ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA EVACUAÇÃO AEROMÉDICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Clarissa Coelho Vieira Guimarães Beatriz Gerbassi de Aguiar Costa Fábio José de Almeida Guilherme Luiz Alberto de Freitas Felipe Vanessa Oliveira Ossola da Cruz Liszety Emmerick Gicélia Lombardo Pereira Maristela Moura Berlitz Michelle Freitas de Souza Chezza Damiã Ricchezza Rachel de Lyra Monteiro Ré Letícia Lima Borges	
DOI 10.22533/at.ed.62120190327	
CAPÍTULO 28	289
AS REGIÕES METROPOLITANAS DE ALAGOAS: SIGNIFICADOS E REALIDADES DIVERSAS	
Cícero dos Santos Filho Paulo Rogério de Freitas Silva Juliana Costa Melo	
DOI 10.22533/at.ed.62120190328	
SOBRE OS ORGANIZADORES	303
ÍNDICE REMISSIVO	305

A APROPRIAÇÃO TERRITORIAL NO SÍTIO HISTÓRICO URBANO (SHU) 'RUA DO PORTO' EM PIRACICABA - SP

Data de aceite: 16/03/2020

Marcelo Cachioni

Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba - Ipplap; Faculdades Integradas Einstein de Limeira - Fiel.
Piracicaba - SP.

Maira Cristina Grigoletto

Universidade Federal do Espírito Santo.
Departamento de Arquivologia.
Vitória - ES

Juliana Binotti Pereira Scariato

Universidade Estadual de Campinas. Pós-Graduação em Arquitetura Tecnologia e Cidade.
Limeira - SP

RESUMO: O trabalho apresenta reflexões resultantes dos estudos sobre o Sítio Histórico Urbano 'Rua do Porto' em Piracicaba - SP, enfocando a constituição da paisagem cultural em quatro elementos: água (relação do homem com o meio), peixe (arte do saber/fazer), olarias (atividade profissional e característica construtiva) e a produção da pamonha (arte do saber/fazer). Tais análises embasam o Plano de Gestão proposto para área, fundamentado na concepção de paisagem cultural. A dinâmica do lugar, em seu aspecto político, cultural e social, impulsionou transformações dos usos e apropriações desse bairro, instituído como um

'lugar de memória', mas que é, um 'espaço', um 'lugar praticado'. Práticas institucionais constituíram campos de embate pautados nos 'usos políticos do passado', entre os interesses públicos e privados. No século XIX, a configuração da sua paisagem cultural foi marcada pela construção de pontes, casas ribeirinhas, indústrias, parques, largos, e do modo de ser ribeirinho. No século XX, após a década de 1960, houve transformações da área, pelo aumento da especulação turística e imobiliária, quando ocorreu um processo dinâmico de (re)significação das tradições e vivências locais com novos usos, transformado em centro gastronômico. Já, entre as décadas de 1970 e 1980 houve intervenções do poder público com (re)valorização e requalificação da área. No século XXI, destacam-se proposições para manutenção e gestão da paisagem cultural da Rua do Porto: o Projeto Beira-Rio e o Plano de Gestão do SHU 'Rua do Porto' em parceria Codepac/Ipplap. A paisagem cultural desta região constitui-se um espaço natural no qual foram inscritos elementos e estruturas construídas. Sua apropriação configura-se a partir do processo de humanização que modificou meandros naturais do rio, incorporando atividades urbano-industriais, agrárias, econômicas, sociais e culturais, que formaram diferentes percepções visuais materializadas no cenário urbano, numa lógica

própria e peculiar. Esse processo de organização espacial é único e contribuiu para que esta área se tornasse um conjunto histórico-cultural de valor patrimonial.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem Cultural; Piracicaba; SHU Rua do Porto.

THE TERRITORIAL APPROPRIATION IN THE URBAN HISTORICAL SITE (UHS) 'RUA DO PORTO' IN PIRACICABA - SP

ABSTRACT: The work shows reflections resulting from studies on the Urban Historic Site 'Rua do Porto' in Piracicaba - SP, focusing on the constitution of the cultural landscape in four elements: water (relationship between man and the environment), fish (art of know-how), pottery (professional activity and constructive characteristic) and the production of pamonha (art of know-how). Such analyzes support the proposed Management Plan for the area, based on the cultural landscape conception. The place's dynamics, in its political, cultural and social aspects, have driven transformations in the uses and appropriations of this neighborhood, established as a 'place of memory', but which is a 'space', a 'practiced place'. Institutional practices were fields of struggle based on the 'political uses of the past', between public and private interests. In the nineteenth century, the configuration of its cultural landscape was marked by the construction of bridges, riverside houses, industries, parks, broads, and the way of being on riverside. In the twentieth century, after the 1960s, there were transformations on the area, by the increase of tourist and real estate speculation, when there was a dynamic process of (re)signification about local traditions and experiences with new uses, transformed into a gastronomic center. Already, between the 1970s and 1980s there were interventions by the government with (re)valorization and requalification on the area. In the 21st century, proposals for maintaining and managing the cultural landscape of Rua do Porto stand out: the Beira-Rio Project and the Management Plan of UHS 'Rua do Porto' in partnership with Codepac/Ipplap. The cultural landscape of this region is a natural space in which elements and structures built have been inscribed. Its appropriation is configured from the humanization process that changed the natural meanders of the river, incorporating urban-industrial, agrarian, economic, social and cultural activities, which formed different visual perceptions materialized in the urban scenario, in its own peculiar logic. This process of spatial organization is unique and has contributed to this area becoming a historical-cultural ensemble of heritage value.

KEYWORDS: Cultural Landscape; Piracicaba; SHU Rua do Porto.

A OCUPAÇÃO TERRITORIAL DE PIRACICABA

A 'velha povoação de Piracicaba' muito antes de sua fundação oficial, já era conhecida pela Coroa Portuguesa, e desde o final do século XVII existiam habitantes nesta localidade. Poucos anos depois do descobrimento das minas de Cuiabá, parte do território de Piracicaba já estava povoado por posseiros e sesmeiros, quando houve requisição de Pedro de Moraes Cavalcanti de uma sesmaria em 1693, a qual

abrangia as duas margens do rio, ficando o salto no meio (NEME, 2009).

Na margem esquerda do Rio Piracicaba foi aberto um picadão entre 1723 e 1725 para ligar São Paulo a Cuiabá. Por aquele caminho (atual Rua Moraes Barros), circularam os bandeirantes. É possível que Cavalcanti não tenha tomado posse da sesmaria nem feito os melhoramentos exigidos pela lei e, desta forma, em 1726, as terras estavam devolutas (NEME, 2009).

O ituano Felipe Cardoso foi primeiro povoador de Piracicaba, com a concessão da sesmaria por gratidão real aos serviços prestados em 1726, sob a condição de que povoasse o local e desenvolvesse a propriedade às próprias custas, exatamente no local em que a atual cidade viria a aparecer e se desenvolver (NEME, 2009; TORRES, 2009; PERECIN, 1990).

Entre 1726 e 1760 formou-se no local uma sociedade composta por índios, mestiços e brancos, dedicada aos roçados de milho, mandioca e feijão, à exploração da caça, da pesca e da salsaparrilha e, principalmente à construção de barcos. Quando este primitivo núcleo de povoamento entrou em decadência pela retirada do sesmeiro Felipe Cardoso, o local já era bastante conhecido por Itu e Porto Feliz (PERECIN, 2009).

A iniciativa pela fundação da ‘nova povoação de Piracicaba’ partiu novamente da Coroa portuguesa, representada pelo capitão-general de São Paulo, D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Matheus. Tal iniciativa estratégica de povoamento dos vales dos rios Tietê e Paraná, era indispensável para fixar as fronteiras que os bandeirantes abriram em terras da Coroa espanhola para deter os espanhóis, os argentinos e os paraguaios nos limites aproximados pelo Tratado de Madri, estabelecido em 1750 (PERECIN, 1990). Como a maioria das povoações decorrentes de sesmarias, as terras de Piracicaba somente foram oficialmente ocupadas quando serviram a algum interesse. As principais justificativas para povoar um local tão conhecido foram: garantir o ouro de Cuiabá e a defesa do Forte de Iguatemi na fronteira com os territórios espanhóis.

Em 1766 o armador das monções em Porto Feliz, Antonio Corrêa Barbosa, foi nomeado para o cargo de Diretor e Povoador de Piracicaba (NEME, 2009). Apesar da determinação do Capitão General de São Paulo, para fundar a nova povoação em outro lugar estrategicamente cercado de rios, o povoador escolheu outro terreno de sua preferência. Os dois locais faziam parte da mesma freguesia, mas a paisagem natural escolhida pelo povoador era muito mais interessante em vários aspectos: abundante em materiais naturais e localizado mais próximo da estrada para Itu, reunia melhores condições de salubridade. Barbosa já era frequentador e conhecedor das qualidades do sertão de Piracicaba. A existência das árvores gigantesas próprias para fabricação de barcos, além da possibilidade de criar um estaleiro junto à rampa que desce para o rio, foi decisiva para que o povoador escolhesse organizar a nova

povoação no antigo porto próximo do Salto (NEME, 2009; PERECIN, 1990).

Partindo de Itu, a expedição do Diretor-Povoador chegou com “administrados, vadios dispersos e vagabundos” em 01 de agosto de 1767, marcando a data de fundação em caráter oficial da ‘nova povoação de Piracicaba’ (NEME, 2009; PERECIN, 1990). Enquanto estabelecida na margem direita, Piracicaba foi boca de sertão e abastecia o Forte de Iguatemi. Quando o Forte foi destruído e a guerra terminou, a povoação de Piracicaba ficou ameaçada de desaparecer. A saída estava no desenvolvimento das propriedades rurais e dos engenhos, num avanço da fronteira agrícola.

Em 1774 com pouco mais de 200 habitantes, Piracicaba foi elevada à condição de Freguesia de Santo Antônio, num período em que uma revolução econômica acontecia no Centro-Oeste paulista, incentivada pela expansão da lavoura canieira e acompanhada da multiplicação dos engenhos e da exportação do açúcar para o Porto de Santos (PERECIN, 1990).

O local escolhido para o estabelecimento da povoação não mais interessava, em virtude da derrocada de Iguatemi. A margem direita do Rio Piracicaba obrigava o uso de pontes para a ligação com Itu, Porto Feliz ou a capital Paulista. Resolveu-se, então, atravessar o Rio Piracicaba e formar o novo núcleo na margem esquerda, mas para isso, foi preciso comprar as terras dos herdeiros de Felipe Cardoso. A primeira medida foi a escolha do melhor local do território, para que se construísse outra Matriz, de onde sairia a primeira praça e as ruas perpendiculares e paralelas.

Em 31 de julho de 1784, foi escolhido e demarcado o local onde seria levantada a nova Matriz, à margem esquerda do Rio Piracicaba, lugar escolhido para a nova povoação se estabelecer. Transformou-se em posto avançado da fronteira agrícola, e dotada de rede fundiária; mas, como comunidade, ela permaneceu humilde e pequena junto à Rua da Praia (atual Avenida Beira Rio-Joaquim Miguel Dutra). Aos poucos foram construídas casas modestas na esplanada reservada para a Igreja Matriz, e ao longo do picadão, atual Rua Moraes Barros (PERECIN, 1990).

Em 1785 foi terminado o delineamento da nova povoação de Piracicaba, na margem esquerda do rio. O terreno em que se delineou e estabeleceu a povoação foi doado para esse fim pelo capitão povoador Antônio Corrêa Barbosa, e abrangia as terras desde a barra do córrego Itapeva, pouco acima do Salto, até sua cabeceira e daí até a barranca do rio Piracicaba (GUERRINI, 1970).

Em 1816 os moradores de Piracicaba, já com uma população de 3.000 habitantes ao todo, enviaram uma representação ao capitão general D. Francisco de Assis Mascarenhas, Conde de Palma, pedindo a elevação da freguesia à categoria de vila. Obtido o despacho favorável em 1821, em 10 de agosto de 1822, a Freguesia de Santo Antônio de Piracicaba foi erigida à vila, como recompensa ao seu notório progresso. No entanto, passou a ter a denominação de Vila Nova da Constituição,

como homenagem à nova Constituição Portuguesa (NEME, 1936). Apesar de ter sido designada nos documentos oficiais por Constituição, o povo sempre preferiu o nome de origem, Piracicaba (que voltou a ser em 1877). Como Vila, na sua jurisdição estaria um imenso território cujas terras abrangiam uma área enorme que durante o século XIX, em sucessivos desmembramentos, iria se transformar em novas vilas e cidades, em evidente avanço dos perímetros urbanos sobre a zona rural (TORRES, 1975; PERECIN, 2009).

Após a elevação, foi levantado o pelourinho em terreno previamente escolhido e demarcado o local para as casas da Câmara e Cadeia e casinhas (açougue e mercado), no pátio da nova Matriz. As ruas foram traçadas com largura uniforme (12 metros), formando ângulos retos e cortando a povoação de uma a outra extremidade, em quadras regulares de 88 metros de face, obedecendo a um programa hipodâmico (GUERRINI, 1970).

Em vista do seu relativo desenvolvimento, a Vila Nova da Constituição foi elevada à categoria de Cidade com o mesmo nome, por lei provincial de 24 de abril de 1856. Desenvolvimento este, que não excluía problemas de toda a ordem, mas que apresentava uma pequena cidade equipada com quatro Igrejas ou capelas católicas, uma Casa de Câmara e Cadeia, um Teatro, duas pontes; além de quatro pátios e 16 ruas alinhadas, sendo oito paralelas e oito perpendiculares ao pátio da Matriz.

OS USOS/APROPRIAÇÕES DO LUGAR E A VIDA RIBEIRINHA

A ocupação territorial da Rua do Porto, no século XIX, foi marcada pela construção de pontes, casas ribeirinhas, empreendimentos industriais, parques e largos. Do mesmo modo, destacam-se diferentes formas de utilização e vivência às margens do rio Piracicaba e a divisão da área em trechos enobrecidos e ‘desvalorizados’; questão que se alterou em diferentes historicidades.

Durante o século XIX, ocorreu a intensificação das edificações ribeirinhas com as instalações fabris e do casario dos pescadores. Em 1823, por exemplo, devido à necessidade de comunicação entre a Vila da Constituição com o sertão, foi necessária a edificação de uma ponte sobre o Rio Piracicaba, o que garantiu um diferencial no desenvolvimento das comunidades. Nesse período, Piracicaba (ainda Vila Nova da Constituição) se configurava somente na Rua do Porto (Rua da Praia), e o Largo dos Pescadores era seu logradouro principal; local que permitia que a comunidade mantivesse o vínculo com o rio. Neste local, havia uma pequena venda onde os cavaleiros e tropeiros, provenientes do sertão, eram abastecidos, trocavam suas mercadorias e descansavam. Ali também era um Largo Civil da população, onde ouviam modas de viola, dançavam cateretê ou desafiavam-se nas rodas de

cururu (PERECIN, 1992).

Outras configurações espaciais, relações e interesses voltados à utilização da área ribeirinha, sejam para atividades fabris ou de lazer/convívio, começaram a se configurar no final do século XIX, em grande medida pelos incentivos promovidos pelas fábricas construídas nas margens esquerda e direita do Rio e pelos novos moradores/utilizadores que eram mais abastados. Duas instituições fabris foram instaladas próximas ao Salto do Rio Piracicaba, incluindo novos itens nesta paisagem cultural: a Fábrica de Tecidos Santa Francisca (segunda casa industrial de Piracicaba, fundada em 1873 na margem esquerda por Luiz de Queiroz); e o Engenho Central, fundado na margem direita, em 1881; além de diversas olarias que fabricavam tijolos e telhas (CACHIONI, 2012).

Sobre a configuração da Rua do Porto, Camargo (1899, p.265) expõe que esta se conformou em um pequeno largo, de forma triangular, muito pedregoso, que ficava em frente ao palacete do Dr. Buarque de Macedo (antigo Palacete de Luiz de Queiroz), o último prédio na Rua Prudente de Moraes. Na Rua do Porto existiam 87 casas numeradas, todas à esquerda de quem desce para o rio, sendo que oito destas eram olarias. Para o autor, era “a rua das olarias, como já o foi dos pescadores, das monções, etc.” - e, desde 1969, dos bares e restaurantes.

No mesmo território ribeirinho onde se instalaram o Engenho Central e a Santa Francisca, consta também, anterior a 1887, a existência de três fábricas de cerveja em Piracicaba, localizadas próximo ao Salto, que pertenciam a Jacob Wagner, Sachs & Filhos e Manoel Barbosa Gomes (GUERRINI, 1970).

Entre os séculos XIX e XX os industriais que se estabeleceram às margens do Rio Piracicaba destinaram parte de suas terras para a construção de praças-parque, que serviam como espaços para atividades de lazer e contemplação da paisagem próxima ao Salto. Dentre as praças-parques, citam-se: Praça Ermelinda Ottoni (Boyes), os Parques Sachs, Barão de Rezende (antes Jardim da Ponte) e do Mirante (CACHIONI, 2011).

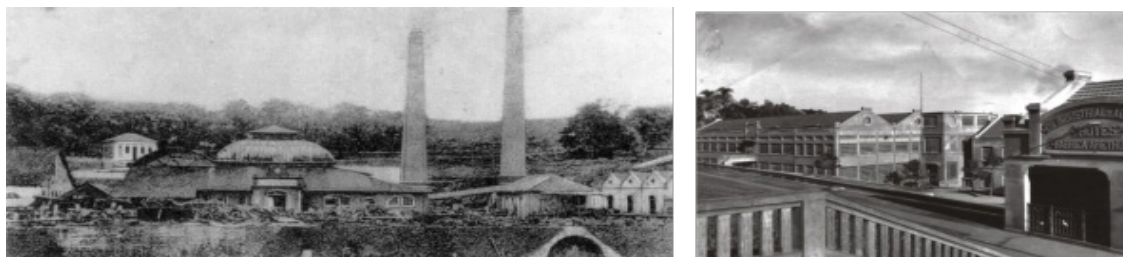
O primeiro passeio público de Piracicaba, não constituído em adro ou largo de edifício oficial, remonta à data de 1878, quando André Sachs requereu à Câmara municipal o aforamento de ilhas logo abaixo da ponte sobre o rio Piracicaba, as quais desejava embelezar, com a finalidade de propiciar um local agradável para passeio ao público da cidade. Sachs pediu também autorização para edificar um quiosque nas margens do rio Piracicaba, que estaria entre o rio e a beirada da ponte até a fábrica de tecidos de Luiz de Queiroz. Assim, foi formado um dos locais mais apreciados pelos habitantes da cidade, entre o final do século XIX e começo do século XX, principalmente para passeios nos domingos à tarde. Possivelmente, a área estava próxima à cervejaria da família Sachs (GUERRINI, 1970).

Próximo a este espaço e junto à sua tecelagem, Luiz de Queiroz destinou

uma área para a formação de uma praça/bosque, a atual Praça Ermelinda Ottoni, mais conhecida como Praça da Boyes. Camargo (1899) descreveu esse passeio no Almanak de Piracicaba para 1900 como o “Largo da Fabrica”, um lugar agradável pelas formosas árvores e pela confusão de sons que se escutava da fábrica e do salto; da indústria e da natureza.

Na continuidade do passeio de André Sachs, o Barão de Rezende abriu mão de parte de suas terras na margem esquerda do rio e criou uma grande praça arborizada, com desenho bem cuidado de passeios e canteiros, com coreto e bancos para descanso (CACHIONI, 2011).

Junto ao Engenho Central, na margem direita, foi construído o antigo Mirante do Salto, possivelmente na década de 1880, para usufruto da família do Barão de Rezende, que foi remodelado entre 1906 e 1907, por Carlos Zanotta. Posteriormente, Rezende doou esta parcela de terra à Prefeitura de Piracicaba para que se tornasse de uso da população e visitantes, que a utilizou, entre as décadas de 1910 e 1930, como o espaço para realização de piqueniques e caminhadas. Este antigo Mirante foi demolido em 1960, quando passou a ser implantado o projeto do novo Parque do Mirante, de concepção moderna, projetado pelo engenheiro agrônomo Odilo Graner Mortatti, com vários níveis de passeios (CACHIONI, 2011).



Figuras 1 e 2 - Engenho Central de Piracicaba e Cia. Industrial e Agrícola Boyes.

Fonte: DPHIPPLAP e Câmara Municipal de Piracicaba.

A margem esquerda do Rio Piracicaba, principalmente nas proximidades do Largo dos Pescadores e da Rua do Porto, passou a ser vista como a parte periférica da cidade, tendo sido constituída nos primórdios da ocupação, e configurado uma vivência e identidade característica de seus moradores (pescadores, trabalhadores das olarias, etc.). Importante para o convívio das comunidades locais, vivências de sua cultura e frequentada pelos viajantes, não era um espaço que permitia a integração entre diferentes grupos da sociedade em função da imagem que, desde o século XIX, foi atrelada ao local. Assim, é possível verificar que no final daquele século, foram organizados espaços de lazer diferenciados, mais estruturados e, de certa maneira, aproximados aos padrões europeus; os quais ficavam mais próximos dos novos empreendimentos fabris e do Salto do Rio Piracicaba - área nobre da paisagem natural (CACHIONI, 2011).

Otero e Souza (2011) destacam que, em 1892, as áreas da primitiva ocupação já se configuravam como periferia da cidade. Entretanto, constituíam-se como lugar de resistência popular contra as iniciativas sanitaristas desenvolvidas pela administração pública. Estas medidas compreendiam a intervenção policial e a proibição da Câmara Municipal para a instalação, nas áreas mais centrais, de empreendimentos destinados à prática de jogos, bebedeiras e 'orgias', ficando estas atividades restritas ao Largo Santa Cruz e à Rua do Porto. É Interessante que a principal manifestação cultural de Piracicaba, a Festa do Divino Espírito Santo, realizada desde 1826, continua acontecendo nesta localidade, tendo sobrevivido a certa marginalização associada ao Largo dos Pescadores. A questão é que este é ainda o lugar da vivência de atividades tradicionais e tem propiciado novas emergências/ações sociais e culturais; a parte dos incentivos ou interesses do poder público.

Em 1907, foi criado na Rua do Porto, o Clube de Natação e Regatas de Piracicaba, que reunia famílias e jovens para recreações e esportes, com a realização de competições e promoções (ELIAS NETTO, 2000). Até a metade do século XX, havia um trampolim para mergulho próximo ao Largo, em frente ao extinto Clube. Anteriormente, havia no local um depósito da Companhia Fluvial, para onde chegavam barcos cheios de cargas (ELIAS NETTO, 2000, p.129 apud OTERO; SOUZA, 2011, p.22).



Figuras 3 e 4. Rua do Porto em meados do século XX.

Fonte: Câmara Municipal de Piracicaba.



Figuras 5 e 6. Lavadeiras no Rio Piracicaba; Casario em meio às olarias.

Fonte: Câmara Municipal de Piracicaba.

Até a década de 1960, não houve mudanças significativas no território, salvo iniciativas ligadas a promoção de lazer e turismo. João Chiarini (folclorista/memorialista piracicabano), na década de 1980, relatou suas impressões sobre o início do processo de mudança da Rua do Porto com a evolução da cidade:

Em 1931, foi derrubada a olaria, à esquerda da rua 15 de novembro. Em 1935, a alfândega caiu com o temporal. Ficava ao lado da falsa Casa do Povoador, na subida de sua lareira. Em 1937, o Clube de Regatas demoliu seu barracão, que era estaleiro para barcos. [...] Francisco Duarte Novaes (Chico Manduca) plantara e cuidara de uma muda que é, hoje, a enorme árvore do Largo dos Pescadores, agora Largo da Sombra! Ele a recebeu de Fúlvio Morganti e ali plantou-a há mais de 50 anos. [...] A casa de Maria Pituça, mãe de Esmeraldo Moreira, a de João Pica-Pau, a de Antonio Pense, a de João Negrinho, a olaria Pecorari, a olaria de Elias Cecílio, foram demolidas. [...] muitos pescadores tinham suas casinhas próprias, ou então alugavam-nas. [...] Nelas deixavam os trens de pesca. [...] A olaria do Nering é de 1908. Restou-lhe a chaminé, porque querem simbolizar a Rua do Porto. A olaria acima corresponde à primeira intromissão da indústria cultural. [...] A descaracterização da Rua do Porto começa em 1907 com a fundação do Clube de Regatas, com a cerâmica Nehring, em 1908. [...] Em frente à olaria do Elias Cecílio, junto ao antigo campo do União Porto F. C., havia o último pouso dos irmãos do rio abaixo, uma palhoça, construída por José Viegas Muniz em 1862, que introduziu o Encontro das Bandeiras em nossa Festa do Divino (A PROVÍNCIA apud ELÍAS NETTO, 2000, p.17).

No final da década de 1960 é que se observam as transformações da área impulsionadas pelo aumento do processo de especulação turística e imobiliária. Neste período, é possível verificar que houve um processo dinâmico de (re)significação das tradições e vivências locais com o aparecimento de novos usos para a Rua do Porto, transformada em centro gastronômico e turístico.

O primeiro empreendimento instalado foi o Restaurante Arapuca, no ano de 1969, em local que havia abrigado olaria e armazém. Outro exemplo que merece menção foi a instalação da fábrica de pamonhas de Wasthy Rodrigues, em finais da década de 1960, na Rua do Porto, 1825 (atual bar Canoas). No período em que a fábrica esteve instalada às margens do rio Piracicaba, houve o auge da produção e fornecimento da pamonha que começou a ser reconhecida como produto piracicabano; não pela origem, mas pela qualidade e, posteriormente, pela gravação feita por Dirceu Bigelli. Esta gravação começou a ser utilizada pelos vendedores internos e externos nos autôfalantes de carros (TL Volkswagen) e Kombis, contendo os seguintes dizeres: “Pamonhas, pamonhas, pamonhas. Pamonhas de Piracicaba. É o puro creme do milho verde. Venham experimentar estas delícias. Pamonhas quentinhas, pamonhas caseiras, pamonhas de Piracicaba. [...]”.

Na década de 1970, a margem esquerda do rio Piracicaba começou a ser foco de requalificação com o objetivo de construção de um grande parque municipal. O Parque da Rua do Porto e a Área de Lazer do Trabalhador foram implantados entre as décadas de 1970 e 1980, tendo sido resultado de um complexo campo de

disputas entre os interesses públicos e privados. Para Otero, Bologna e Almeida (2011, p.87), foi neste complexo que teve início a reconquista da orla do rio e que a cidade de Piracicaba começou a “recobrar os espaços que o ‘progresso’ havia lhe tomado”.

Sobre algumas das ações direcionadas para a margem direita, pode-se mencionar o Programa de Embelezamento de Piracicaba (PEP), vinculado à Secretaria de Meio Ambiente (Sedema), subvencionado pela administração municipal e liderado pela primeira dama Maria Cláudia Ranzani Herrmann que, do mesmo modo, esteve direcionado ao tratamento da área da Rua do Porto, propondo a reforma da parte da vegetação ribeirinha e outras intervenções (JORNAL DE PIRACICABA, 1980).

Em setembro de 1978, ao lado direito da entrada principal do Parque do Mirante, foi entregue o mural de mosaico, com 36m de comprimento e 4m de largura de autoria da artista plástica piracicabana Clemência Pecorari Pizigatti, que foi auxiliada por estudantes de Artes Plásticas da UNIMEP, PUC Campinas e E. E. ‘Melo Moraes’. Construído com 52 tipos de pedras (vindas também de Goiás e Minas Gerais) sobre fundo monolítico, o Mural do Mirante simboliza, no seu lado esquerdo: Piracicaba antiga com o Capitão Antonio Corrêa Barbosa, a Casa do Povoador e um Batalhão da Guerra do Paraguai. No centro está caracterizada a ‘Noiva da Colina’ com o Rio Piracicaba, e o lado direito simboliza a cidade moderna com signos da indústria canavieira, comércio e a lavoura. A figura da cana-de-açúcar está presente em todo o mural (KANNI, 2002 apud CACHIONI, 2011).

Durante a década de 1980, este Parque deixou de ser um ponto atrativo e começou a ser considerado um lugar perigoso devido à má conservação e por ter se tornado esconderijo para sem-teto, desocupados e usuários de drogas. O gradil instalado com o objetivo de reforçar a segurança acabou por agravar a situação (CACHIONI, 2011).

Em contraposição, a abertura do Parque do Engenho Central, em 1989, passou a atrair a população interessada no lazer às margens do Rio Piracicaba, substituindo o Parque do Mirante, mas, de certa forma, mantendo a área da margem direita como local de passeio e lazer para moradores e turistas. No mesmo ano, o Complexo do Engenho Central foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (Codepac).

Pelo exposto é possível verificar algumas formas de usos e apropriações do espaço ribeirinho, nas margens esquerda e direita do Rio Piracicaba. Constatase por meio destes usos a configuração tanto das paisagens culturais quanto das relações diferenciadas que alguns grupos tiveram neste espaço, as quais foram construídas e motivadas pelo interesse de estar às margens do rio ou utilizar-se de suas potencialidades: força motriz, visão privilegiada, etc.

Entre as décadas de 1970 e 1980 foram iniciadas intervenções do poder

público com a proposta de tratamento, (re)valorização e requalificação da área. Tais procedimentos demonstram a necessidade de maior fiscalização e organização do conjunto em detrimento de áreas especiais.

No final da década de 1970 e durante a década de 1980, foi iniciado também um processo de conscientização sobre a necessidade de preservação dos bens naturais e culturais (materiais e imateriais) presentes nesta localidade. Isso, em detrimento dos novos usos da Rua do Porto que, paulatinamente, deixou de ser essencialmente residencial para se transformar na tradicional rua dos bares e restaurantes.

Com relação ao século XXI, destacam-se os esforços direcionados no sentido de tratamento do conjunto por meio de proposições para manutenção e gestão constante/integrada da paisagem cultural da Rua do Porto: o Projeto Beira-Rio e o Plano de Gestão do SHU 'Rua do Porto'.

Com o processo de desindustrialização da região da Rua do Porto, pelo fechamento do Engenho Central na década de 1970, das olarias nos anos 1980, e a desativação da Fábrica Boyes, novas apropriações territoriais passaram a ocorrer. Após a desapropriação de toda a área da antiga planta fabril e remanescente florestal, o Parque do Engenho Central é utilizado para fins culturais, festas beneficentes, feiras e exposições, além de sediar a Secretaria Municipal da Ação Cultural e Turismo. Nas antigas instalações fabris, já funciona o Teatro Municipal Erotides de Campos e há um projeto em fase de captação de recursos para o Museu do Açúcar, o qual conta com o apoio do empresariado do setor sucroalcooleiro. As instalações da antiga Fábrica Boyes foram adquiridas recentemente por um grupo de investidores que pretendem promover um empreendimento no local com shopping center, hotel, centro empresarial e edifícios residenciais.



Figuras 7 e 8. Paisagem cultural do SHU Rua do Porto.

Crédito: Justino Lucente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem cultural desta região constitui-se um espaço natural no qual foram

inscritos elementos e estruturas construídas. Assim, a apropriação daquele território configura-se a partir do processo de humanização que modificou os meandros naturais do rio, incorporando a ela atividades urbano-industriais, agrárias, econômicas, sociais e culturais, que foram formando as diferentes percepções visuais que hoje estão materializadas no cenário da cidade.

Ao apropriar-se do território, principalmente da região da SHU Rua do Porto, a sociedade foi utilizando-o efetivamente num movimento que envolveu, ao longo de seu percurso histórico, as limitações físicas de transposição do rio e a ocupação de suas margens, as atividades econômicas, sociais e culturais, e as transformações urbanísticas que distribuíram todos estes elementos numa lógica própria e peculiar. Esse processo de organização espacial é único e contribuiu para que esta área se tornasse um conjunto histórico-cultural de grande valor patrimonial.

REFERÊNCIAS

CACHIONI, Marcelo. O Parque do Mirante. In: IPPLAP (Org.). **Piracicaba, o rio e a cidade: ações de reaproximação**. Piracicaba: IPPLAP, 2011.

_____. O papel pioneiro de Piracicaba na construção fabril na província de São Paulo. In: **Colóquio Latino-americano sobre Preservação e Recuperação do Patrimônio Industrial**. São Paulo: TICCIH, 2012.

CAMARGO, Manoel de A. **Almanak de Piracicaba para 1900**. São Paulo: Tipografia Hennies Irmãos, 1899.

ELIAS NETTO, Cecílio. **Almanaque 2000. Memorial de Piracicaba Século XX**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000.

GUERRINI, Leandro. **História de Piracicaba em Quadrinhos**. Piracicaba: IHGP, 1970.

JORNAL DE PIRACICABA. **Mirante está ganhando iluminação moderna**. Piracicaba, 21 mar. 1980.

MASCARÓ, Juan Luis. **Infraestrutura da paisagem**. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2008.

NEME, Mario. **Piracicaba - Documentário**. Piracicaba: João Fonseca, 1936.

_____. **História da Fundação de Piracicaba**. Piracicaba: IHGP, 2009.

OTERO, Estevam Vanale; BOLOGNA, Sabrina Rodrigues; ALMEIDA, Arlet Maria de. Parque da Rua do Porto e Área de Lazer do Trabalhador: gênese da reaproximação com o rio. In: IPPLAP (org.). **Piracicaba, o rio e a cidade: ações de reaproximação**. Piracicaba: IPPLAP, 2011.

OTERO, Estevam Vanale; SOUZA, Maria Beatriz Silotto Dias de. A Reconquista das Margens do Rio Piracicaba: uma reconstrução histórica à guisa de introdução. In: IPPLAP (org.). **Piracicaba, o rio e a cidade: ações de reaproximação**. Piracicaba: IPPLAP, 2011.

PERECIN, Marly Therezinha G. Três momentos históricos da fundação de Piracicaba. In: **Programa Oficial do 225º Aniversário de Fundação de Piracicaba (01/08/1767)**. Piracicaba, 1990.

_____. **A Síntese Urbana (1882-1930)**. Piracicaba: Shekinah, 2009.

TORRES, Maria Celestina T. M. **Aspectos da evolução da propriedade rural em Piracicaba - No tempo do Império**. Piracicaba: Academia Piracicabana de Letras, 1975.

_____. **Piracicaba no Século XIX**. Piracicaba: IHGP, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambientes virtuais 82, 84, 85, 86, 89, 96, 97

Aptidão física 252, 253, 254, 255, 257, 260, 261

Arte 63, 124, 128, 129, 130, 132, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 180, 229

C

Celebrações 157, 213, 218

Cidadania 52, 53, 54, 56, 57, 58, 88, 113

Conhecimento 17, 18, 23, 27, 32, 33, 38, 49, 52, 53, 61, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 87, 88, 95, 96, 99, 103, 111, 116, 118, 121, 123, 125, 126, 127, 136, 139, 164, 197, 199, 213, 256, 260, 263, 265, 266, 267, 269, 271, 278, 279, 283, 284, 285, 287

Cooperação 76, 78, 79, 118, 194, 195, 196, 198, 199, 203, 208, 236, 280

Cultura 2, 18, 19, 21, 34, 35, 39, 49, 55, 58, 59, 63, 64, 69, 77, 81, 124, 132, 136, 138, 140, 141, 142, 150, 158, 161, 178, 193, 212, 214, 216, 221, 224, 225, 228, 231, 251, 257, 263, 265, 267, 268, 271, 273, 275, 279, 280, 303

D

Direitos humanos 36, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 161

E

Educação 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 15, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 97, 98, 99, 111, 113, 114, 115, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 138, 141, 142, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 177, 178, 197, 200, 203, 204, 208, 210, 221, 226, 260, 261, 265, 268, 269, 270, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 281, 294, 303, 304

Ensino colaborativo 111, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123

Espacialidade 268, 289, 291, 299

F

Formação docente 1, 2, 15

G

Gestão escolar 34

H

Historiografia da mídia 124

I

Interdisciplinaridade 71, 72, 73, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 139

K

Kant 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70

M

Meio ambiente 153, 165, 172, 175, 194, 197, 201, 202, 203, 204, 207, 210, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 249, 250, 251

Museologia 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 186

N

Narrativa 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 236, 269

Natureza 18, 21, 34, 35, 38, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 86, 89, 97, 109, 115, 150, 161, 200, 201, 208, 239, 244

P

Paisagem cultural 144, 145, 149, 154

Patrimônio 65, 153, 155, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 179, 186, 226, 227, 228, 231, 236, 237, 246, 247, 250, 268, 269, 272, 275

Pesquisa 6, 9, 10, 12, 13, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 27, 29, 32, 34, 35, 43, 44, 51, 58, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 88, 89, 98, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 137, 139, 141, 157, 158, 163, 164, 165, 181, 182, 194, 196, 199, 201, 202, 208, 209, 213, 214, 218, 225, 240, 252, 254, 268, 269, 271, 273, 274, 278, 283, 285, 289, 291, 297, 302, 303

Práticas 1, 2, 26, 27, 29, 30, 38, 39, 42, 69, 75, 81, 111, 115, 118, 119, 121, 137, 139, 140, 144, 161, 166, 175, 182, 195, 207, 221, 224, 241, 273

R

Radiação ionizante 187, 188, 189, 190, 193

Realidade 8, 20, 23, 26, 27, 32, 35, 36, 45, 65, 88, 96, 115, 116, 137, 140, 221, 223, 227, 235, 252, 255, 263, 264, 265, 266, 269, 271, 278, 279, 280, 289, 292, 295, 298, 299

Relações de gênero 211, 221, 225

Robótica 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33

T

Trajes 179, 180, 182, 183, 184

 **Atena**
Editora

2 0 2 0